

Close-up – estudo do “Big Brother Brasil”

O programa “Big Brother” foi escolhido para análise detalhada neste trabalho por ser o reality-show brasileiro da maior sucesso e por mantê-lo até hoje, já na sua sexta edição. Buscaremos traçar um panorama do programa, focado na questão do personagem. Nosso guia será uma entrevista realizada para este trabalho com o vencedor da quinta edição do programa, Jean Wyllis, e entrevistas com pesquisadores de personagem do reality e um editor que participou da terceira e quarta edições do programa.

A primeira edição do “Big Brother Brasil” estreou na TV Globo em 29 de janeiro de 2002. Seu horário de exibição era na parte da noite, por volta de 21h30, mas tinha flashes durante toda a programação diária da emissora.

Os direitos de produção do programa foram adquiridos em 1999 da produtora holandesa Endemol, que criou o formato inspirada no livro “1984”, de George Orwell, no qual os habitantes de um país fictício eram monitorados por câmeras todo o tempo.

A proposta deste reality-show é reunir pessoas comuns, não-famosas, numa casa onde estão instalados microfones e câmeras em todos os espaços, estes ligados 24 horas por dia, por um período de até cem dias. Os participantes não têm contato com o mundo exterior a casa – não tem relógios, acesso a jornais e revistas ou comunicação com família e amigos.

Durante cada semana, estes participantes são submetidos a tarefas determinadas pela equipe do programa e, ao término deste período, um deles é eliminado pelo voto do público, que escolhe entre dois concorrentes indicados pelo grupo. No final do programa ficam apenas dois participantes e, novamente pelo voto do público, um deles é declarado favorito e ganha uma boa quantia em dinheiro. Nas quatro primeiras edições do programa, o prêmio pago foi de quinhentos mil reais, e a partir da quinta edição o valor dobrou para um milhão de reais.

A construção da casa do “Big Brother”, localizada dentro do Projac, foi executada em 55 dias. Com uma área de 1.200m² de terreno e 450m² de

construção, foram instaladas 36 câmeras e 60 microfones em todos os cômodos da casa e na área externa. Na terceira edição este número passou para 42 câmeras e 68 microfones e nesta última edição o equipamento utilizado está sendo novamente de 36 câmeras e 64 microfones.

Na primeira edição do programa, foram selecionados doze participantes. A seleção foi feita por inscrições voluntárias, divulgadas através de uma campanha publicitária veiculada na televisão, rádio, jornais e *outdoors*, e também por pesquisadores de personagens, que tentavam encontrar pessoas diferentes para integrar o *casting*.

O *reality* durou sessenta e quatro dias no ar e foi exibido diariamente em episódios que variavam de 10 a 45 minutos de duração, apresentando imagens ao vivo e retrospectivas dos principais fatos ocorridos no dia ou na semana. Os episódios de terça-feira eram os mais longos e os mais assistidos, pois era quando as eliminações de participantes aconteciam. Os índices de audiência alcançados nas duas primeiras semanas de exibição foram de 45 pontos de ibope, com 63% dos televisores ligados no programa (*share*)

A segunda edição do “Big Brother Brasil” começou em 14 de maio do mesmo ano de 2002, um mês e meio depois do término da primeira, embalada pelo sucesso desta. A diferença foi o tempo de exibição, que foi de setenta e um dias no ar (uma semana a mais), e algumas dinâmicas provocadas pela edição, como a “novelinha” *Algemas da Paixão* que retratava o triângulo amoroso vivido por três dos participantes da casa, enfatizando e dramatizando fatos ocorridos na casa.

Nesta segunda edição, a maioria dos personagens veio de pesquisa na rua e alguns das fitas que tinham ficado da edição anterior. Os pesquisadores foram destacados para regiões diversas do país, buscando tipos específicos como o “caipira” do interior paulista, uma nordestina “arretada”, o que não os impedia de achar pessoas não tão características e também utilizá-las para a seleção.

A partir da terceira edição, a seleção passou a ser feita exclusivamente pelas fitas, característica que se mantém a partir de então, e que garante a igualdade de condições para todos. O número de participantes passou para quatorze e foram criadas as figuras do “líder” e do “anjo”, respectivamente aquele que adquiria imunidade automática e aquele que podia imunizar outro participante de sua escolha. Estas novas regras foram utilizadas também na quarta e quinta edições.

O volume de investimento que o “Big Brother Brasil” movimenta é de mais de setenta e cinco milhões de reais, vindo principalmente de ações de *merchandising* e do lucro com as ligações telefônicas realizadas pelo público para eliminar os participantes. Na quinta edição, as ligações arrecadaram até a oitava eliminação o valor de cinco milhões e meio de reais. Também no BBB5, foram pelo menos cinco anunciantes pagando cota de patrocínio, sendo cada uma de seis milhões e meio de reais, para ter seu produto inserido na casa ou veiculado nos intervalos do programa. Apenas para anúncio durante os intervalos, cada inserção de trinta segundos custa cento e cinquenta mil reais. A audiência chegou a 46 pontos de ibope na estréia e teve média de 50, em dias de eliminação.

Em entrevista para este trabalho, o vencedor da quinta edição do “Big Brother Brasil”, Jean Willys, esclareceu que o processo seletivo não poderia ser comentado por ele, devido à uma cláusula contratual, mas contou que buscou o formulário de inscrição no portal de internet Globo.com, anexou foto e uma fita de vídeo e enviou pelo correio.

Desde este momento até a entrada na casa, passaram-se cerca de três meses. Neste período, ele participou de uma entrevista com uma espécie de banca com quinze pessoas, que fez perguntas diversas desde porque se inscreveu até como se comportaria na situação X, Y e Z (usando, principalmente, exemplos das edições anteriores do programa). Depois, Jean passou por exames médicos e psicológicos.

O interessante desta fase seletiva é a gravação do perfil: ele contou que a produção liga e avisa que vão traçar um perfil para defender a imagem de cada participante perante a banca. Mas na verdade, no término da gravação o candidato descobre que já é um *big brother* selecionado.

Jean não soube dizer porque foi selecionado, mas defendeu a idéia da combinação de perfis das pessoas dentro da casa como determinante das escolhas de todos que para lá foram.

Conversando com a equipe de pesquisadores de personagem do “Big Brother Brasil”, descobre-se a dinâmica de trabalho: eles recebem as fitas de inscrição de dezenas de milhares de pessoas (para esta sexta edição, foram quarenta e duas mil) e assistem. Nos primeiros segundos já é possível saber se aquele é ou não um possível personagem: “Se ficamos mais que alguns segundos olhando uma fita, é porque ali pode ter alguém interessante, então vamos até o final”, disse Ines Vergara, pesquisadora do programa desde a primeira edição e

quem assistiu a fita de Jean pela primeira vez. A busca é por uma pessoa que tenha um brilho, uma personalidade interessante, e um mínimo de boa aparência. “Você tem que pensar no que *você* gostaria ou não de ver na sua TV“: esta é a melhor forma para analisar as fitas, diz Grasielle Bittencourt, outra pesquisadora do BBB, já que a escolha de personagens é realmente muito subjetiva e particular.

Destas milhares de fitas, após um primeiro corte, sobram pouco menos de mil candidatos. Destes, cerca de cem vão para a tal banca descrita por Jean, mas apenas trinta e cinco ficam realmente muito perto de entrar para a casa. Com estes últimos, monta-se uma espécie de jogo combinatório, realmente baseado em arquétipos, para decidir quem vai ou não participar do reality. Neste momento é importante levar em consideração de onde a pessoa é, para ter um bom panorama das regiões do Brasil (mais gente de São Paulo, que é de onde se mede o IBOPE, um bom número de pessoas do nordeste também, por ser uma região grande etc); também os traços de personalidade de cada um – quem vai se dar bem ou mal com quem etc.

Os pesquisadores disseram ser difícil determinar se aquela pessoa vai ser o esperado na casa, pois têm, na verdade, pouco contato com ela: “Temos apenas três contatos com o candidato: a fita, a banca e o VT-perfil. Na fita e na banca, a pessoa mostra o que quer, o que acha que nós procuramos para o programa; e no perfil, ela ‘treina’ a família e os amigos para fazerem o mesmo.“

A pesquisadora Inês Vergara relata que o médico Rogério é um bom exemplo da “caixinha de surpresas“ que pode ser um personagem: “Na fita vimos um médico, ‘sarado’, que tinha servido às Forças Armadas e que tinha um ótimo senso de humor; na banca, ele foi ‘um fofo’, e no perfil também; mas dentro da casa, todo mundo se assustou com o que ele falava.“ Rogério acabou sendo um “bom personagem“ dentro do contexto daquela edição do programa, mas não da maneira esperada. Ele assumiu para si o arquétipo de grande vilão, o que, em princípio, a equipe do programa não esperava.

Ao ser perguntado do porquê de ter se inscrito, Jean diz que foi por experiência, que sempre quis “um rompante que me tirasse de um mar de calmante“. Contou que viveu a vida buscando estabilidade por ter vindo de uma família muito pobre, que nos anos de sua infância viveu abaixo da linha de pobreza, e que sempre foi arrimo de família, tendo que trabalhar para ajudar nas despesas da casa.

Isso sempre me paralisou, né? Eu sempre sabia que a minha cidadania, a qualidade de vida que eu estava conseguindo para a minha família, dependia do meu emprego, então eu não poderia cometer muitos riscos, assim, então eu ficava me culpando, mas isso me angustiava porque eu falava: pô, a vida é muito curta, como é que eu não me joga, não me arrisco (...). Aí, eu conversando com uma amiga minha que é professora, (...) a gente viu a chamada do programa dizendo que estavam abertas as inscrições e ela falou: Jean, por que você não se inscreve? É a sua cara, o programa é a sua cara, você fala, comenta sobre cultura de massa, você rasura esta hierarquia entre alta e baixa cultura, você faz isso em sala de aula, por que você não vai?” (Entrevista concedida à autora no dia 09 de abril de 2005.)

Jean justificou sua participação pela intenção de ser um “espectador crítico” dentro da casa, e acrescentou que não esperava ganhar o prêmio, só não queria sair na primeira semana:

Sair na primeira semana ninguém merece, porque ninguém te conhece. Saio pelo menos na segunda, que aí as pessoas já me conhecem. E aí serve para eu alavancar de alguma forma a minha carreira literária, né, sou escritor, então... foi por isso que me inscrevi. (Entrevista concedida à autora no dia 09 de abril de 2005).

No texto apresentado na Compós 2005, Cezar Migliorin fala justamente da saída de um participante do programa na primeira semana: “Em Big Brother, o primeiro a sair da casa não é ninguém. Não tem ainda um tipo construído, não se entregou à visibilidade total do dispositivo.” (MIGLIORIN, 2005, p. 09)

Realmente, com uma semana de programa não houve tempo para a construção dramática daquele confinado na casa. A casa, aliás, é o dispositivo de que fala Migliorin. A questão do dispositivo, novamente, é fundamental para o estudo do “Big Brother”. Segundo o autor,

o dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. O criador recorta um espaço, um tempo, um tipo e/ou uma quantidade de atores e a esse universo acrescenta uma camada que forçará movimentos e conexões entre os atores” (MIGLIORIN, 2005. p.2).

No caso do reality-show em questão, são quatorze pessoas, confinadas em uma casa vigiada por câmeras e microfones, durante dois meses.

Na entrevista, Jean conta:

A gente é jogado numa jaula, uma jaula confortável, com piscina, academia de ginástica, ofurô, mas chega um tempo que isso não enche mais os olhos porque o espaço é limitado demais. (...) Você sair de uma percepção de tempo para uma outra percepção sem as horas, porque a gente não tem relógio na casa, nada, você sair de uma outra percepção de espaço, aí você vai esquecendo do mundo lá fora, parece que o mundo é aquilo lá, que você só tem aquilo, que você só tem aqueles conflitos, e as lembranças que vão...” (Entrevista concedida à autora em 09 de abril de 2005)

Jean garante que, com o tempo na casa, as únicas câmeras percebidas são as chamadas “robôs“, que ficam expostas e possuem um mecanismo de rotação e direcionamento que produz um ruído facilmente percebido pelos moradores da casa. É para estas câmeras que se faz – ou não se faz – uma ação. As outras, escondidas atrás de falsos espelhos, não são percebidas.

A gente esquece completamente que está sendo filmado, que a casa ela é rodeada de espelhos, de janelas e que cada janela dessa tem uma câmera, então, é, sabe, você olha para um espelho, você vê um espelho, então você esquece que está sendo filmado. Você olha para o espelho e vê você. (Entrevista concedida à autora em 09 de abril de 2005)

Podemos lembrar Lacan, citado anteriormente, para aplicar seu conceito de Estádio de Espelho, no qual ele aborda que a construção do eu se dá através da imagem do outro, do reflexo que o outro devolve. Uma figura que pode ilustrar o esquema da imagem refletida no espelho, por exemplo, é o mito do Narciso que conta a história de um jovem que ao olhar sua imagem refletida no espelho d’água, apaixonou-se por ela e por ela morreu. Além de dispositivo técnico, servindo para ocultar as câmeras do olhar dos participantes e do público, os espelhos também podem ser considerados como metáfora da contemporaneidade. Estes espelhos, sejam eles reais ou simbólicos, são em parte responsáveis pela reorganização dos referenciais do ser humano, dando-lhes parâmetros, modelos de representação na sociedade através da mídia.

Retomando a declaração de Jean Wyllis quando diz que ao se ver no espelho, enxerga a si mesmo, essa mesma imagem pode servir para ilustrar o público se olhando no espelho simbólico da televisão. Ou seja, as imagens de quem está na casa servem como mecanismo de projeção e identificação para o público que está fora.

A equipe do “Big Brother Brasil“ sabe que, com o tempo, a presença das câmeras é esquecida. Antes de cada edição do programa, é feito um teste com pessoas da equipe, que ficam confinadas na casa por algumas horas, para que a engenharia teste as câmeras e seu alcance, a disposição dos microfones na casa e sua sensibilidade ao captar o áudio etc. Isto também é importante porque o cenário da casa muda a cada programa, o que exige novas configurações do equipamento. Mesmo para quem trabalha lá e sabe exatamente como tudo funciona, a perda da percepção do equipamento de monitoração é inevitável. Patricia Correa, também pesquisadora do programa, relata que:

realmente só se percebe as [câmeras] robôs. Quando um grupo está conversando em um cômodo, por exemplo, e viramos as robôs para eles e eles param, sabemos que pode ser algo interessante: alguma fofoca, intriga ou confissão. Então pedimos para que a engenharia vire estas câmeras para o outro lado, eles voltam a conversar e captamos tudo com as câmeras escondidas atrás dos espelhos, que ficam acomodadas em trilhos, e conseguem mostrar a ação sem problemas e sem serem percebidas.

Perguntado sobre as máscaras e qual delas ele teria “usado“ durante o *reality*, Jean defendeu a idéia de uma ancoragem do ser, uma identidade que se constrói para si sem a qual não se tem um lugar no mundo.

Nós temos papéis sociais, comportamentos diferentes. (...) Você é uma outra pessoa e é a mesma pessoa. É como se a gente pudesse ser um barco que navega, mas com uma âncora, né? Todo mundo precisa de uma ancoragem do ser. Essa ancoragem do ser é esse eu, essa identidade que você constrói para si, sem a qual você não tem um lugar no mundo, entendeu? Ainda que a identidade não seja um traço biológico, genético, que ele se transforme com o tempo e com a história, (...) sem identidade ninguém vive. Sem você saber seu lugar no mundo, sem você construir uma narrativa de si que vai desde o nome que você recebeu da sua família, que você não escolheu, até as pessoas que você se relacionou (...) se você não construir uma narrativa de si, você não tem um lugar no

mundo. Então, eu concordo que eu tenho uma postura diferente com os meus alunos, diferente com os meus amigos na boate, mas tem ali uma âncora, um eu, um núcleo duro ainda, preservado, que sou eu igual em todos os outros lugares, com as variações. (Idem)

Jean acredita que foi este “núcleo duro” que estava na casa, longe da família, dos amigos e dos alunos. Sem suas “referências”, o que permaneceu foi sua formação primeira de educação, religião, seu “lugar social de pobreza” (como ele mesmo colocou), sua preocupação com cidadania etc. Era o *eu primeiro*, em torno do qual gravitavam algumas qualidades suas que se manifestaram dentro da casa.

Mas nem sempre a máscara que se dispõe representa o verdadeiro ou o falso daquela pessoa. Rouch e Morin, ao tratarem sobre esta questão do verdadeiro e do falso em seus documentários, usavam as máscaras como justificativa da atitude de seus personagens:

Agora eu percebo que se nós chegamos a algo foi em colocar o problema da verdade. Nós quisemos fugir da comédia, do espetáculo, para entrar em tomada direta com a vida. Mas a própria vida também é comédia, espetáculo. Melhor (ou pior): cada um só pode se exprimir através de uma máscara e a máscara, como na tragédia grega, dissimula ao mesmo tempo em que revela, amplifica. Ao longo dos diálogos, cada um pode ser ao mesmo tempo mais verdadeiro que na vida cotidiana e, ao mesmo tempo, mais falso. (ROUCH e MORIN, Edgar. Apud DA-RIN. P.154)

É nisto que apostam os *reality-shows*, principalmente os de confinamento, nos quais as pessoas são obrigadas a conviver com outros totalmente diferentes. A máscara ou máscaras escolhidas pelos participantes acabam contando muito mais deles do que “seu verdadeiro da vida cotidiana.”

Sobre seu contato com os outros moradores da casa, contato este bastante conflituoso, Jean fala que não acredita que aquelas pessoas eram más fora da casa, mas que o contato de umas com as outras dentro da fez com que aquele lado, que já existia nelas, se manifestasse. Neste trecho ele se refere ao que se denominou “Turma do Mal”.

Existiu nesta edição do “Big Brother” uma divisão muito clara em dois blocos: os bons e os maus. Divisões maniqueístas como estas já tinham

acontecido em outras edições, como no BBB4, entre pobres e ricos, mas nunca tão demarcado quanto nesta. Desde o início, um grupo se uniu, liderado pelo médico Rogério, acreditando em estatísticas: eram sete integrantes unidos, contra outros sete, nem tão unidos assim; o primeiro grupo, mais forte, conseguiria a liderança nas provas, indicando uma pessoa de fora para o paredão e os outros seis colocariam outra pessoa de fora para competir com a primeira. Assim, com o decorrer das semanas, a “Turma do Mal” eliminaria seus competidores e depois, competiria entre si pela vitória e pelo grande prêmio de um milhão de reais.

Mas o “plano” não saiu como esperado: aconteceu justamente o oposto e os integrantes do grupo de Rogério foram sendo eliminados com índices altíssimos de rejeição por parte do público.

O antropólogo Roberto da Matta, em texto escrito para o jornal Estado de São Paulo em 2004 sobre o Big Brother, afirma que “A mim me parece que a maior fonte de angústia do programa não é bem a crueldade de se dispor a viver num mundo sem rotina e numa casa de vidro, mas ser obrigado a conviver com indivíduos no sentido pleno da palavra.” (MATTA, Roberto da. *O Brasil do ‘Big Brother’*. O Estado de S. Paulo, 19/02/04). O indivíduo se “faz” em contato com o outro. Apesar de Jean afirmar que quem estava na casa era seu “núcleo duro”, um novo Jean se formou dentro da casa, em contato com aqueles outros personagens.

Os pesquisadores até comentaram que Jean foi bastante consistente dentro da casa, e compatível com seu perfil traçado na seleção. Outros, como Rogério, surpreenderam. Apesar de ambos terem, a princípio, uma idéia formada antes de entrar na casa de como agir naquela situação – Jean seria “ele mesmo”, Rogério buscava aliados para colocar em prática sua estratégia “matemática” – , seus resultados para o público só foram do jeito que foram por seu contato um com o outro, e com todos os participantes envolvidos.

O *casting* do programa se dá de indivíduo para indivíduo, mas também no que pode sair da convivência destes seres tão distantes uns dos outros.

Outro fator importante na análise do “Big Brother Brasil” e da construção de seus personagens é a edição do programa. Ela é capaz de ressaltar aspectos que poderiam passar despercebidos não fosse o foco de luz lançado por este recurso. É importante deixar claro que a edição encara o programa como uma novela. Segundo o editor Luiz Castilho, o fato do programa ser diário ajuda neste aspecto dramático, porque a história segue uma seqüência, dia após dia. Por isso, é

muito importante que os profissionais envolvidos no programa assistam o *reality* no ar: “Temos que saber onde a história parou.”

Os pesquisadores, depois do *casting* do programa definido, passam a atuar na captação do conteúdo da casa. Eles são *loggers*, uma espécie de assistentes de edição, que acompanham tudo que se passa durante todo o período do *reality*. Divididos em turnos de 8 horas (alternando duas horas “logando”, duas horas selecionando o material “logado” para digitalização e edição), os *loggers* monitoram o dia-a-dia da casa.

A captação a partir das câmeras é feita da seguinte maneira: dentro de um caminhão são instalados monitores correspondentes a cada câmera. Na organização de todas estas imagens estão duas equipes de direção de TV e de técnico de som, acompanhadas por um diretor, que “supervisiona” estas duas equipes. Cada equipe grava dois Vts: o principal (PGM) e o independente, normalmente um plano geral do ambiente captado.

Para cada uma destas equipes, existe um *logger*, que marca os pontos interessantes de seu turno em um programa de computador chamado Losys, desenvolvido pela TV Globo e utilizado para o “Big Brother Brasil” e também para o “Fama”.

O Losys possibilita a decupagem em tempo real do material gravado. Um computador, atrelado ao VT e ao seu *Time Code*, gera uma cópia em baixa resolução (AVI) das imagens gravadas no PGM. Durante a captação do programa, o *logger* marca pontos em uma tela interativa, escolhendo os personagens envolvidos na situação, o local da casa e o evento. O *logger* tem ainda a possibilidade de adicionar comentários sobre o evento. A cada toque na tela, o Losys gera uma marcação no *Time Code* do AVI, que é o mesmo *Time Code* das fitas, possibilitando a imediata localização daquela imagem nas fitas gravadas. Uma vez terminadas as duas horas dentro do caminhão, o *logger* parte para uma sala, onde usa a segunda interface do Losys. Nela, ele(a) seleciona no AVI os pontos de maior interesse, marcando início e fim de cada situação e transformando-a em “cena” a ser digitalizada no AVID. Desta forma, o *logger* faz a primeira seleção de imagens para a edição do programa.

A segunda tela do Losys possibilita ainda a pesquisa por diferentes parâmetros: pode-se buscar todos os pontos marcados com um determinado personagem, todos os pontos onde o personagem ri, todos os pontos onde se fala

em eliminação etc. O Losys funciona como um banco de dados povoado por imagens e palavras, que agiliza a pesquisa e possibilita que a edição utilize imagens captadas pouco antes da exibição.

Os loggers também observam padrões de comportamento e passam uns para os outros o que viram. Se um personagem tem um “tique”, ou um hábito repetitivo, é função do *logger* observar e sugerir o que pode se tornar um VT engraçado.

É justamente observando o comportamento do grupo a partir do momento que entra na casa que surgem as idéias para as “historinhas”, pelas quais o BBB ficou tão conhecido. A edição busca, portanto, sempre uma história, há sempre este olhar.

Este movimento começou na segunda edição do programa, com a já citada novelinha “Algemas da Paixão”. A partir de um triângulo amoroso entre os personagens Thyrsó, Manoela e Fabrício, a edição construiu um enredo dramático para sua participação. A convivência entre os três ganhou ingredientes melodramáticos, facilmente identificados pelo público brasileiro, mais do que acostumado com as telenovelas. Os VT’s tinham efeitos, trilha sonora, locução. Eram bastante elaborados e bem-humorados.

Este tipo de construção surgiu na versão brasileira do *reality*, e não era hábito nas versões estrangeiras. A Endemol comprou (literalmente) esta idéia, criada pela equipe brasileira, e hoje este tipo de desdobramento das ações das pessoas confinadas na casa pode ser encontradas nos “Big Brother” de todo o mundo.

A explicação para a estrutura dramática pode vir realmente das telenovelas, produto brasileiro de sucesso, especialmente as produzidas pela própria TV Globo. O comportamento dos participantes do *reality* na casa passa a ser organizada a partir de traços de dramaturgia, transformando simples ações em episódios interessantes.

Nesta quinta edição, por exemplo, a partir do filme “Os Incríveis”, foram criados desenhos animados, como os das histórias em quadrinhos, para representar cada participante. A “Turma do Mal” formou o grupo “Os Inacreditáveis”, enquanto o grupo “do bem” foi chamado de “Os Defensores”. Isso poderia parecer manipulação por parte da edição, mas o pensado foi que a partir do momento em que os participantes deixaram clara sua intenção no jogo, a

interpretação bem-humorada da equipe dos bastidores para cada uma de suas ações não faria muita diferença para a opinião do grupo.

Estes desenhos eram a representação dos arquétipos facilmente visualizados em alguns personagens da casa. Eles foram “construídos” pela edição do programa, a partir das características que cada um tinha ou destacou: Jean era o Herói, que logo na primeira semana conquistou o carisma do público; Rogério era a Sombra, o antagonista (mas não era o único, era cercado pelo que se convenciou chamar de “A Turma do mal”). Até Pedro Bial tinha seu arquétipo: o Arauto, que traz o desafio... A partir do momento que Jean se disse alvo de perseguição por ser *gay* e Rogério o criticou e ridicularizou repetidas vezes, ficou claro para o público o papel de herói e de vilão ou protagonista e antagonista (numa estrutura dramática). Daí Jean assumir o “papel” de “Homem Maravilha”, e Rogério se transformar em “Capitão Gê”

Mas existiam também aqueles que acumulavam arquétipos: Alan, por exemplo, começou como Sombra e terminou como uma espécie de Mentor – modificado pelo amor de Grazi, se tornou amigo de Jean e o ajudou na permanência na casa; Pink, por outro lado, começou como um arquétipo “do bem”, como amiga de Jean, e terminou como um “do mal”, uma Sombra, e o público não gostou – quando Pink votou pela permanência de Grazi, na casa, contra Jean, acabou indo para o paredão com ele e sendo eliminada.

Mas e depois do reality, como ficam as vidas dos ex-participantes? Muitos deles entram no *reality* para terem “portas abertas” para o mundo das celebridades. Querem ser famosos, trabalhar como atores/ atrizes, se manter na mídia. Na fita de inscrição mesmo, não é difícil ouvir frases do tipo “Vou dar muito ibope”, “Vou fazer o que vocês quiserem, mas me coloquem no programa”.

O sucesso desse tipo de programa faz com que seus integrantes se tornem aspirantes a celebridades ao saírem da casa. Isso ocorreu em todas as edições e, durante o período em que volta a ser exibido, ex-participantes aproveitam e tentam espremer o pouco que resta de seu momento pop star pós-‘Big Brother’. Este é o caso de Kléber Bambam, que atualmente lidera o grupo Bambam e as Pedritas. (...) ‘Hoje, quem chega ao ‘Big Brother’ é para ser famoso, diferentemente de quando eu participei. Como era o primeiro, as pessoas não sabiam o que aconteceria depois, que a chance de estar na mídia seria tanta.’, completa Bambam (ESTADO DE S. PAULO, 26/03/2005)

É a busca pela aura dos olímpianos, pelo espaço na mídia como legitimador da fama e como porta para atingir o sonho da notoriedade e da permanência na história.

No caso de Jean, por exemplo, a saída da casa rendeu-lhe a publicação de um livro de contos, lançado na Bienal do Livro 2005. Sua tarde de autógrafos no evento teve que ser realocada para um auditório maior, no qual autografou mais de seiscentos exemplares, e palestrou também para este mesmo número de pessoas. Ele também assumiu o posto de repórter especial para o programa “Mais Você”, apresentado por Ana Maria Braga nas manhãs da TV Globo e é colunista para uma revista direcionada para o público homossexual. Provavelmente, nada disso seria possível, ou pelo menos não tão rápido, se não fosse sua aparição na TV.

Mas outros participantes da quinta edição do “Big Brother” também estenderam seus “quinze minutos de fama”: Grazielle Massafera continua na mídia, como repórter do programa Caldeirão do Huck, além de estar se preparando na Oficina de Atores de Rede Globo para estreiar em uma novela da emissora.

Tatiane Barbosa, mais conhecida como Pink, ganhou um quadro no programa humorístico “Zorra Total”, também na TV Globo. No BBB5, ela era uma cabeleireira de Recife, de comportamento irreverente e divertido. Em uma das primeiras festas organizadas pela produção do programa, a equipe de figurino do programa escolheu uma roupa toda rosa para ela. Tatiane gostou e “Pink” acabou virando sua marca, e é com ela que se fixou como personagem, para além do *reality*.